

ESTRUTURA E CONJUNTURA ECONÔMICA: MERCADO DE TRABALHO E O DIFERENCIAL DE SALÁRIOS NOS MUNICÍPIOS DE FRANCA E SERTÃOZINHO

ECONOMIC STRUCTURE AND CONJUNCTURE: LABOR MARKET AND THE DIFFERENCE IN WAGES IN THE CITIES OF FRANCA AND SERTÃOZINHO

Hélio BRAGA FILHO

Doutor - Centro Universitário de Franca (Uni-FACEF), Franca – SP - Brasil
hgp@com4.com.br

Márcio Benevides LESSA

Mestre - Centro Universitário de Franca (Uni-FACEF), Franca – SP - Brasil
marcio_lessa@facef.br

Recebido em 05/2011 – Segundo Recebimento em 09/2011 – Aprovado em 12/2011

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar e comparar a estrutura produtiva e o desempenho do mercado de trabalho dos municípios paulistas de Franca e Sertãozinho. Na primeira seção, o binômio conjuntura-estrutura é examinado segundo as contribuições de natureza teórica de autores selecionados. Em seguida, a economia e o mercado de trabalho dos municípios objeto de análise são analisados segundo os indicadores socioeconômicos obtidos por meio de fontes secundárias de pesquisa, ao mesmo tempo em que as estruturas da economia e da indústria destas duas localidades são examinadas e comparadas. Finalmente, conclui-se que, apesar de serem estes municípios tão dispares em termos populacionais, ambos possuem indústria com mão de obra diferenciada.

Palavras-chave: Estrutura – Conjuntura Econômica – Mercado de Trabalho – Salários, Franca e Sertãozinho.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and compare the production structure and labor market performance of the cities of Franca and Sertãozinho (State of São Paulo). In the first section the binomial conjuncture-structure is examined according to the theoretical contributions of selected authors. Then, the economy and the labor market of the above-mentioned municipalities are analyzed according to socioeconomic indicators obtained through secondary research sources, while the structures of the economy and industry of these two localities are examined and compared. Finally, it is concluded that although these cities are distinct in terms of population, both have an industry with differentiated labor force.

Keywords: *Structure – Economic Conjuncture – Labor Market – Wages – Franca and Sertãozinho.*

1 CONJUNTURA ECONÔMICA E OS CICLOS DE CURTO PRAZO

A instabilidade é uma das principais características da economia e a sua manifestação ocorre por intermédio dos movimentos alterados de expansão e de contração, cuja intensidade e duração é bem variada.

A história econômica mostra que a economia nunca cresce de acordo com um padrão suave e contínuo. Um país pode beneficiar de vários anos de expansão econômica e prosperidade, como aconteceu com os EUA nos anos 90. Esta situação pode ser seguida de uma recessão ou mesmo de uma crise financeira ou ainda, em raras ocasiões de uma depressão prolongada. (SAMUELSON & NORDHAUS, 1999, p. 432-433).

Na fase de prosperidade/expansão, o produto total da economia cresce seguido de incrementos dos investimentos, empregos, renda e consumo. Contudo, na fase de recessão ocorre exatamente o oposto.

Então o produto nacional diminui, os lucros e o rendimento real diminuem e a taxa de desemprego salta para níveis inaceitavelmente elevados com legiões de trabalhadores a perderem os empregos (SAMUELSON & NORDHAUS, 1999, p. 433).

Assim, as fases de expansão e de contração da atividade econômica constituem os ciclos econômicos típicos das economias de mercado.

Um ciclo econômico é uma oscilação do produto, do rendimento e do emprego nacionais totais, com uma duração habitual de 2 a 10 anos, caracterizada pela expansão ou contração generalizadas de muitos setores da economia. (SAMUELSON & NORDHAUS, 1999, p. 433).

A periodicidade dos ciclos de crescimento pode ser de curta, média ou longa duração.

Para Juglar, os ciclos de crescimento ocorrem com uma periodicidade média de oito a nove anos(...). Kitchin verificou a existência de ciclos

de menor duração, com periodicidade média de três anos, (...). Já Kondratieff, observou a ocorrência de ciclos de longa duração, que se manifestam a intervalos de cinquenta anos, (...) (ROSSETTI, 1987, p. 185).

No curto prazo, o desenvolvimento da economia pode ser mensurado por meio dos indicadores de produção industrial; do nível de emprego e dos rendimentos do trabalho; de formação bruta de capital fixo (FBCF) ou dos investimentos; do volume de vendas no atacado e no varejo; das exportações e das importações; do volume de crédito, entre tantos outros.

Os indicadores de conjuntura são um grande número de variáveis econômicas, que se encontram em relações múltiplas e complexas: produção, estoques, número de pessoas empregadas, taxa de juros, receita e despesa de governo, dívida pública, taxa de formação de capital, renda nacional e índices de preços, entre outros. A análise conjunta desses indicadores e de seus movimentos fornece um quadro da situação econômica em que se encontra o país naquele momento, ou seja, em que ponto se encontra a economia dentro do ciclo econômico (DINIZ ALVES, 2008, p. 4).

Uma ordem diversa de fatores oferta no curto prazo tanto as condições de oferta como a demanda agregada, as quais acabam, por conseguinte, alterando o nível de atividade econômica e do próprio emprego. No plano microeconômico, o comportamento individual e das famílias altera a demanda em decorrência das suas respectivas decisões sobre o montante de seus rendimentos a serem destinados ao consumo, à poupança ou aos investimentos. Por sua vez, as decisões dos empresários em relação à destinação do excedente econômico (lucros), sobretudo a parcela aplicada diretamente no circuito produtivo (investimentos), interferem no volume de oferta de bens e serviços e na demanda por trabalhadores.

Já no plano macroeconômico interno, a condução da política econômica pelo governo

por intermédio do emprego dos seus intrínsecos instrumentos de ação – tributários/fiscais, monetários e cambiais – exerce influência tanto sobre a produção como sobre a demanda total e, conseqüentemente, sobre o nível de emprego. Ademais, juros, tributos e câmbio, além de exercerem papel importante na formação de preços, funcionam como sinalizadores nas decisões dos agentes econômicos, pois orientam definições relacionadas à produção, aos investimentos, ao consumo e à poupança, às exportações e importações, etc.

Embora muitas variáveis macroeconômicas fltuem em conjunto, elas o fazem em ritmos diferentes. (...) Variações na produção de bens e serviços estão estreitamente correlacionadas com alterações na utilização da força de trabalho. (...) Quando o PIB real declina, a taxa de desemprego aumenta. Este fato não surpreende: quando as empresas decidem produzir uma menor quantidade de bens e serviços, elas demitem, ampliando o contingente dos desempregados. (MANKIW, 2001, p. 704).

Muito embora o nível de emprego dependa fundamentalmente dos investimentos em apreciável medida, em outra proporção o nível de atividade econômica e, por conseguinte, o grau de utilização da capacidade produtiva instalada mantêm estreita relação com o nível de ocupação da força de trabalho, os quais, por sua vez, condicionam-se ao comportamento da demanda agregada.

A análise do mercado de trabalho encerra uma dupla dimensão. A primeira diz respeito às suas configurações internas e, portanto, está relacionada à institucionalidade que o circunscribe, (...) em segundo lugar, ao desempenho geral da economia, em que câmbio, inflação, juros e os vários componentes da demanda agregada se revelam determinantes. (AMITRANO, 2004, p. 123).

Convém, no entanto, salientar a respeito dos componentes da demanda agregada, notadamente o consumo de bens (não-duráveis,

semiduráveis e duráveis) em que os gastos dos indivíduos e das famílias alteram-se tanto em quantidade como em variedade. Basta verificar que entre 2004 e 2008, segundo o IBGE (Pesquisa Mensal de Comércio), o volume de vendas no comércio varejista de móveis e eletrodomésticos, material para escritório e equipamentos de informática e comunicações e veículos automotivos e peças cresceram muito mais que as demais atividades do varejo. Assim, o volume de empregos na atividade industrial, muito provavelmente, cresceu em convergência com a demanda advinda do varejo.

–Em uma economia aberta, como a brasileira, a evolução do nível de atividade econômica depende tanto de fatores relacionados à demanda doméstica como à demanda externa. (AMITRANO, 2004, p. 100)

De fato, entre 2004 a 2008, as exportações brasileiras impulsionadas pela demanda externa e pelos preços das commodities continuavam em firme expansão, tanto que, em valores (US\$/FOB), neste mesmo período o total das exportações aumentou de 105,2%.

Entretanto, dois movimentos importantes foram registrados no período supramencionado:

- a) os produtos básicos (em US\$/FOB) registraram aumento da ordem de 156,1%, passando de 29,6% (2004) a representar 36,9% (2008) do total das exportações do país, conquanto os produtos manufaturados computaram expansão mais moderada de 27,2% reduzindo sua participação de 54,9% para 34,0%; e
- b) o valor total das exportações do país de jan/jun de 2008, comparativamente ao mesmo período de 2004, aumentou de 108,8%, porém, as importações cresceram 134,2%.

Enfim, no curto prazo, um variado leque de fatores contribui para que ocorram oscilações no ritmo de crescimento da economia, afetando o nível da atividade econômica e do emprego com intensidade e duração diferente.

1.1 Estrutura econômica e as mudanças de longo prazo

Outro problema que também influencia tanto o crescimento como o desenvolvimento de uma economia relaciona-se à sua composição estrutural.

A composição estrutural de um sistema econômico reflete, de um lado, o resultado de todos os processos que constituíram a sua formação histórica; de outro lado reflete a disponibilidade global de seus recursos, os padrões de seu aproveitamento e os arcabouços institucionais que condicionaram a sua formação orgânica. (ROSSETTI, 1977, p. 193).

Assim sendo, o desenvolvimento econômico deve ser compreendido enquanto processo de longo prazo na perspectiva histórica, visto tratar-se sobretudo de um fenômeno social que implica mudanças de natureza estrutural – cultural, econômica, social, política, etc. – de toda a sociedade.

(...) corresponde à relação entre os grandes setores de atividade: primário (atividade agrícola e extrativista), secundário (atividade de transformação fabril) e terciário (serviços em geral, inclusive o comércio e os transportes). O crescimento desses setores não ocorre de forma harmônica, mas desigual, e essa defasagem setorial é um elemento básico para avaliar a estrutura que corresponde ao grau de desenvolvimento de uma economia. Nessa perspectiva, considera-se menos desenvolvido um país de estrutura agrária. (...) Isto porque os elementos característicos do progresso estariam no setor secundário, (...). (SANDRONI, 2006, p.317).

Por isto mesmo, a teoria do desenvolvimento econômico prescreve, notadamente para aquelas economias retardatárias, que a superação do seu atraso e do seu subdesenvolvimento somente seria alcançada mediante a industrialização. Tanto é que Kuznets (1983), comparando a estrutura econômica e social dos países desenvolvidos com países subdesenvolvidos, constatara nestes últimos que:

- a) considerável parcela da população estava empregada na agricultura;
- b) os salários eram relativamente baixos;
- c) os gastos de consumo concentram-se em poucos itens e na sua quase totalidade em gêneros de primeira necessidade;
- d) os gêneros da indústria manufatureira de alimentos e de produtos têxteis respondiam pela metade do valor adicionado total, diferentemente da estrutura industrial dos países desenvolvidos.

Entre outras razões, mudanças na estrutura interna da indústria brasileira ocorreram entre 1949 a 1966 em decorrência do efeito produzido pela elevação da renda per capita sobre o coeficiente de elasticidade-renda da procura, conforme havia demonstrado Clark (1957). Nesse mesmo intervalo de tempo, dois relevantes movimentos da economia brasileira corroborariam tal evidência, pois, de um lado, enquanto progressivamente reduziam-se as importações de bens de capital, bens intermediários e de consumo, de outro lado, aumentava-se a produção no país destas mesmas categorias de bens.

Além disso, no Brasil a industrialização substitutiva de importações (ISI) imprimiu mudanças estruturais importantes na composição do produto total da economia; na estrutura ocupacional; na estrutura interna da indústria; na estrutura de classes e na composição das exportações.

A estrutura, (...), é a interligação do conjunto formado pela reunião das partes ou elementos de uma determinada ordem ou organização. (...) Conjunto de elementos relativamente estáveis que se relacionam no tempo e no espaço para formar uma totalidade econômica. (...) A conjuntura está relacionada com os ciclos de curto prazo da economia e da política, enquanto a estrutura está relacionada aos ciclos de longo prazo. Uma mudança estrutural geralmente requer várias mudanças conjunturais, enquanto estas últimas podem ocorrer sobre a mesma base estrutural. (DINIZ ALVES, 2008, p. 2-4).

A conjuntura econômica que se instalou no país com a abertura econômica colocada em curso nos anos 1990 alterou substancialmente a composição do produto interno e a estrutura interna da indústria brasileira. A partir da década de 1990, progressivo movimento descendente da indústria, paralelamente à crescente participação dos serviços no produto, culminaria com a “modernização econômica recente no Brasil e no mundo” resultante do “processo de terceirização” da economia. (AZZONI, 2005, p.551).

Entretanto, a apreciação do real contribuiu para garantir a estabilidade dos preços, mas, sem margem de dúvida, produziu efeitos deletérios sobre a estrutura produtiva nacional.

É reconhecido na literatura econômica sobre desenvolvimento que o avanço das economias está associado a uma estrutura produtiva diversificada e voltada para atividades econômicas intensivas em tecnologia como requisito para um crescimento equilibrado e sustentável. Um dos efeitos da abertura econômica dos anos 1990 foi a redução do peso da indústria de transformação no valor adicionado da economia, hoje equiparável ao das economias desenvolvidas com renda per capita sete vezes superior a brasileira. (FEIJÓ & CARVALHO, 2008, p. 1).

Como se não fosse ainda suficiente, além da redução do peso da indústria no valor adicionado da economia, o recente aumento dos preços das commodities contribuiu para ampliar a participação de gêneros da indústria intensivos em recursos naturais em detrimento daqueles de maior adensamento tecnológico.

Hoje, predominam na estrutura industrial setores com vantagens competitivas ligadas à exploração de recursos naturais, uma característica que se acentuou com a grande valorização recente dos preços de commodities, o que elevou os ganhos dos setores produtivos associados a esses bens e ampliou seu peso na indústria brasileira. (...) Uma avaliação indica que o quadro de transformações na estrutura produtiva da indústria é preocupante, na

medida em que cada vez mais a indústria se especializa na produção de commodities enquanto setores importantes do ponto de vista tecnológico apenas mantém espaço (FEIJÓ & CARVALHO, 2008, p. 1-4).

Enfim, se o desenvolvimento está associado, conforme prescreve a teoria econômica, a uma estrutura produtiva mais diversificada e assentada sobre atividades econômicas de maior conteúdo tecnológico, “várias mudanças conjunturais”, muito provavelmente, não foram suficientes para promover modificações estruturais mais significativas e convergentes com a teoria do desenvolvimento econômico na economia brasileira. Convém assinalar que, se o desenvolvimento econômico local, entre outros aspectos, também se condiciona a este tipo de recomendação, resta-nos averiguar de que maneira o binômio conjuntura-estrutura mais recentemente impactou sobre a economia de dois municípios paulistas.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

O artigo, por não ter a pretensão de estabelecer generalizações a partir do objeto estudado, limita-se a um estudo meramente quantitativo e comparativo de dois municípios paulistas demograficamente assimétricos. Sem embargo, admite-se a priori que as características estruturais destes municípios, submetidas ao comportamento de curto prazo (conjuntural) da economia, produzam situações diferentes suscetíveis de provocarem reações variadas sobre o mercado de trabalho. Assim, com o propósito de examinar estes aspectos, de ambas as localidades, utiliza-se de dados estatísticos disponibilizados por fontes secundárias e oficiais de pesquisa – SEADE (Fundação Sistema Estadual de Dados Estatísticos); MTE (Ministério do Trabalho e Emprego); BACEN (Banco Central do Brasil); IPEADATA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – Banco de Dados Agregados); MDIC

(Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior). Convém, no entanto, assinalar que, na ausência de indicadores econômicos municipais de conjuntura (fora os casos excepcionais), bem como de séries históricas de maior periodicidade, optou-se por analisar variáveis econômicas mais recentes, ou seja, entre os anos de 2005 a 2009/2010. Em resumo, as variáveis empregadas relacionam-se com ao Valor Adicionado Fiscal; Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal; Valor Total das Exportações (US\$/FOB); Valor dos Investimentos Anunciados; e aqueles pertinentes ao mercado de trabalho – estoque de empregos, saldo líquido de empregos, remuneração média nominal, entre outros.

Assim, procura-se averiguar até que ponto o mercado de trabalho dos dois municípios é influenciado positiva ou negativamente por problemas estruturais e conjunturais.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Em 1980, a cidade de Franca contava com uma população total de 147.962 habitantes, e a cidade de Sertãozinho contava com 51.203 habitantes, segundo censo 1980 – IBGE. Decorridas três décadas, a população de Franca – de acordo com dados preliminares do Censo Demográfico de 2010¹ – aumentou em 170.270 habitantes, perfazendo um total de 318.232 habitantes, enquanto Sertãozinho contabilizou um acréscimo de 58.878 habitantes, totalizando 110.081 habitantes.

Assim, ambos os municípios conformam acentuada desproporção em termos estritamente demográficos.

Em respeito à estrutura econômica – definida segundo a participação relativa dos macros setores no valor adicional fiscal (VAF) – os dois municípios conformam uma composição bem distinta.

Tabela 1 – Franca e Sertãozinho segundo participação relativa dos macros setores no Valor Adicionado Fiscal Total (em %) – 1920 e 2007

Macros Setores da Economia	Participação Relativa no VAF Total (em %)			
	FRANCA		SERTÃOZINHO	
	1920	2007	1920	2007
Indústria	13,0	22,5	12,2	50,7
Serviços	20,4	76,4	21,0	47,7
Agropecuário	66,6	1,1	66,8	1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IPEADATA

Ainda que, na década de 1920, os dois municípios apresentassem estrutura econômica muito semelhante, com forte viés agropecuário, já no século XXI, Franca, que de 1950 até 1990 podia ser considerada como uma economia industrial, passou a ser classificada – de acordo com a tipologia do PIB de 2007 da Fundação SEADE – como economia multissetorial, enquanto Sertãozinho é

classificado como município industrial.

Quanto à estrutura industrial, os dois municípios – com base no Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal (2005) elaborado pela Fundação SEADE – Atlas de Competitividade da Indústria Paulista – apresentaram um quadro consideravelmente diferenciado.

Quadro 1 – Franca e Sertãozinho segundo o Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal (em %) - 2005

FRANCA – Subsetores da Indústria de Maior Porcentagem do CE/VAF	
Máquinas e Equipamentos	3,03%
Artigos de Borracha	3,26%
Couros e Calçados	79,30%
Produtos Químicos	4,43%
Produtos de Plástico	3,27%
Produtos Alimentícios	2,02%

SERTÃOZINHO – Subsetores da Indústria de Maior Porcentagem do CE/VAF	
Metalurgia Básica	6,64%
Produtos de Metal	10,41%
Máquinas e Equipamentos	10,71%
Equipamentos Médicos, Óticos de Automação e Precisão	4,98%
Produtos Químicos	4,01%
Combustíveis	4,01%
Produtos Alimentícios	56,08%

Fonte: SEADE

À exceção do ramo de produtos alimentícios, em Franca os cinco demais gêneros das indústrias de transformação somaram o equivalente a 93,29% do coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal da indústria; do mesmo modo, em Sertãozinho os seis demais gêneros industriais perfizeram um total de 40,76% do mesmo coeficiente. No entanto, enquanto no município de Franca este mesmo coeficiente de especialização denotara considerável concentração em subsectores da indústria classificados como sendo de média baixa e de baixa intensidade tecnológica, em sentido inverso, o município de Sertãozinho apresentava menor concentração do coeficiente de especialização e distribuição mais equilibrada segundo a intensidade tecnológica, incluindo um gênero da indústria de alta tecnologia.

A presença de empresas de grande porte², segundo a pesquisa de Cadastro Central de Empresas – IBGE, contabilizara um total de oito empresas em Franca, sendo quatro na indústria, uma na atividade de comércio varejista, uma na administração pública, uma na área da saúde e uma na área da educação. Já em Sertãozinho, o total de empresas

de grande porte totalizara 14 empresas, sendo que, deste total, nove empresas atuavam no ramo industrial, duas no comércio varejista, uma nas atividades de administração pública e serviços complementares, uma na administração pública e uma em outras atividades de serviços.

Trata-se de importante indicador econômico que reflete a dinâmica da acumulação de capital é examinado sob a ótica dos investimentos cuja base de informações é disponibilizada pela Fundação SEADE por meio da Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo – PIESP.

Entre os anos de 2006 e 2009, foram registrados 39 anúncios de investimentos em Franca, contra 17 e Sertãozinho. Convém observar que, dos 39 investimentos anunciados em Franca, 29 ou 74,3% relacionavam-se às atividades de:

- alojamento e alimentação (04);
- comércio varejista (16);
- educação (04);
- couros e calçados (03); e
- saúde e serviços sociais (02).

Tabela 2 – Franca e Sertãozinho segundo o valor dos investimentos anunciados (em US\$ milhões) – 2006 a 2009

Ano	Valor dos Investimentos Anunciados (US\$ milhões)*	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2006	9,53	22,37
2007	155,56 ³	26,50
2008	5,56	35,41
2009	9,00	16,18
Total	179,65	100,46

Fonte: SEADE

* Foi considerado o ano do anúncio do investimento e não o período do investimento.

Em Sertãozinho os investimentos anunciados distribuíram-se de maneira bem mais equilibrada entre os mais diversos segmentos da atividade econômica, tais como refino de petróleo e álcool, eletricidade, gás e água quente, metalurgia básica, máquinas e equipamentos, transportes terrestre, educação, entre outros.

Segundo o tipo de investimentos em Franca, do total de 39, aqueles destinados à ampliação somaram 19 (48,7%); enquanto em implantação

registraram-se 20 (51,3%); já em Sertãozinho, dos 17 investimentos anunciados, 12 (70,6%) destinaram-se à ampliação contra 5 (29,4%) relacionados à implementação.

O desempenho do setor externo, das economias dos municípios em questão, retrata a potencialização do dinamismo proveniente da capacidade empresarial (viés estrutural de corte microeconômico) e da conjuntura econômica (viés conjuntural de natureza macroeconômica).

Tabela 3 – Franca e Sertãozinho segundo o valor total das exportações (em milhões US\$/FOB) – 2005 a 2010

Ano	Valor Total das Exportações (em milhões US\$/FOB)	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2005	259,0	164,2
2006	230,9	158,0
2007	227,1	192,3
2008	231,1	248,2
2009	151,3	290,2
2010*	152,9	465,6

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior

* valor acumulado das exportações até outubro/2010.

Por diferentes razões, tais como dinamismo do setor empresarial, câmbio, demanda (interna e externa), entre outras, constatou-se um movimento de progressiva redução das exportações de Franca alternando com um movimento de contínua expansão em Sertãozinho.

Considera-se ainda que as exportações de

Franca estavam basicamente concentradas em produtos intensivos de trabalho, como calçados, componentes para calçados, couros e outros artefatos de couro, café em grãos, etc., enquanto as exportações de Sertãozinho concentravam-se em produtos como o açúcar, álcool etílico, outros açúcares de beterraba, turbinas a vapor,

caldeiras aquatubulares, equipamentos para usina de açúcar, entre outros.

No caso específico de Franca, convém ressaltar que o principal segmento exportador (indústria de calçados) vem sofrendo perdas substanciais em termos de volume físico exportado, em decorrência do câmbio apreciado e do aumento crescente da participação da China no mercado norte-americano como até mesmo na América do Sul.

Sem embargo, a atividade econômica nos dois

municípios se, por um lado, foi afetada de forma negativa – por problemas de câmbio, demanda externa, preços e concorrência, etc. –, por outro lado, o dinamismo do mercado de consumo interno, em alguma medida, deve ter compensado perdas sofridas com mercado externo. Um dos fatores que vem contribuindo para o aquecimento do consumo interno (das famílias e indivíduos), além do bom desempenho do mercado de trabalho, é a expansão do crédito, notadamente para pessoas físicas.

Tabela 4 – Brasil, operações de crédito para pessoas físicas por faixa de valor (R\$ mil) e variação percentual (em %) – dez 2004 e ago 2010

Faixa de Valores	Operações de Crédito Para Pessoas Físicas (R\$mil)		
	DEZ/2004	AGO/2010	2010/2004 (%)
Até R\$ 5 mil	80.455	187.430	132,96
De R\$ 5 mil a R\$ 50 mil	87.134	336.874	286,61
Acima de R\$ 50 mil	38.838	187.169	381,92
Total	206.427	702.473	240,30

Fonte: BACEN – Banco Central do Brasil

A expansão das operações de crédito para pessoas físicas, nas faixas de R\$ 5 mil a R\$ 50 mil e acima de R\$ 50 mil, em boa medida contribuíram para o consumo de bens duráveis, como os gêneros da indústria automotiva, eletroeletrônica, equipamentos de informática, mobiliário, incluindo a construção civil. Contudo, a combinação de redução da taxa de desemprego com a expansão da massa salarial também foi decisiva para reaquecer o mercado de consumo

de outras categorias de produtos.

Enfim, é cabível admitir que a exceção da crise global instalada em 2008, o círculo virtuoso de crescimento da economia brasileira, em confluência com os investimentos, com o desempenho do setor exportador mais a própria estrutura empresarial dos municípios em questão, tenham contribuído para que o mercado de trabalho nas duas localidades, analogamente e em boa medida, apresentasse desempenho também positivo.

Tabela 5 – Franca e Sertãozinho segundo estoque líquido total de empregos formais – 2005 a 2010

Ano	Estoque Líquido Total de Empregos**	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2005	379	1.525
2006	238	3.087
2007	1.700	5.312
2008	-329	977
2009	2.563	-2.442
2010*	16.177	4.598

Fonte: CAGED/MTE

* até o mês de Setembro de 2010.

** refere-se à diferença entre o estoque inicial (janeiro) e o estoque final (dezembro) de empregos.

Muito embora Franca e Sertãozinho foram afetados com intensidades diferentes na fase pré e durante a crise global, nos dois municípios verifica-se um comportamento bem distinto do mercado de

trabalho, visto que, no primeiro, registra-se uma variação bem irregular do estoque líquido de empregos, enquanto no segundo contata-se um movimento mais regular.

Tabela 6 – Franca e Sertãozinho segundo estoque líquido de empregos formais na indústria – 2005 a 2010

Ano	Estoque Líquido de Empregos na Indústria	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2005	-1.654	873
2006	-1.874	1.814
2007	-35	2.738
2008	-2.031	729
2009	563	-2.677
2010*	12.810	3.044

Fonte: CAGED/MTE

* até o mês de Setembro de 2010.

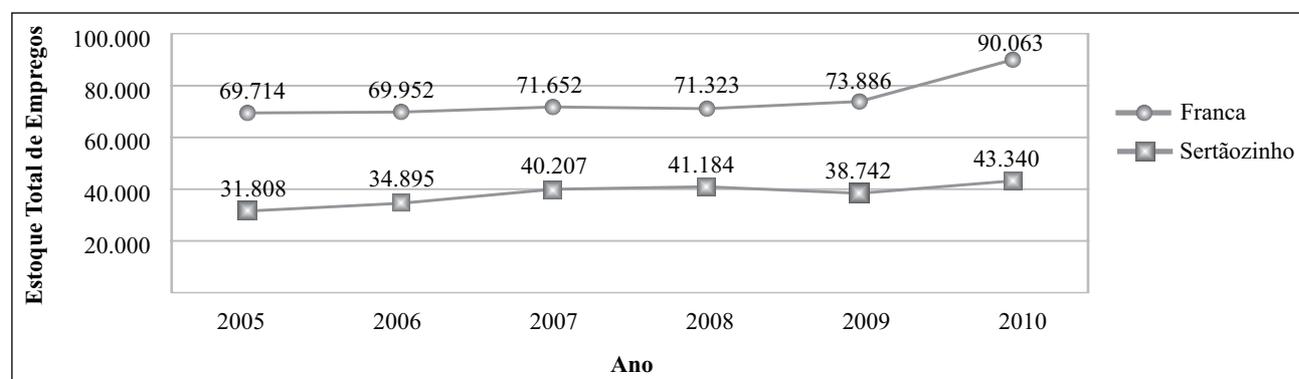
Embora a economia do município de Franca seja classificada como multissetorial, o emprego na indústria representa, em relação ao total de empregos nas demais atividades econômicas, aproximadamente 44% em média, enquanto Sertãozinho, pelo fato de sua economia ser tipicamente industrial, a participação dos empregos industriais eleva-se a um percentual médio de 53,1% do total de empregos.

No caso de Franca, deve-se ainda considerar o fato de que, se a participação dos empregos industriais é significativamente representativa em relação ao total de empregos formais, sem margem de dúvida, consideravelmente elevada é a participação dos

empregos no gênero da fabricação de calçados em proporção do total de empregos formais na indústria.

Basta observar a magnitude do coeficiente de especialização do VAF do segmento couro e calçados (79,3%) em relação às demais atividades industriais no mesmo município. Por isso mesmo, dadas as próprias características do segmento da fabricação de calçados, sobretudo o fato de ser uma atividade da indústria manufatureira intensiva de mão-de-obra, admite-se que o desempenho deste mesmo ramo da atividade econômica influencie em boa medida o emprego na indústria e o nível geral de empregos no próprio município.

Gráfico 1 – Franca e Sertãozinho, estoque total de empregos recuperados (quantidades de empregos) em 31/12 - 2005 a 2010



Fonte: CAGED/MTE

* até o mês de Setembro de 2010

Embora o estoque de empregos em Franca seja duas vezes maior que o de Sertãozinho, quando se compara o salário médio nominal dos empregados admitidos nos principais setores da atividade econômica, constata-se um quadro senão contrastante entre as duas localidades.

Em valores absolutos a diferença entre o salário médio nominal dos empregados admitidos no

total de todas as atividades contabilizou um aumento de R\$ 171,31 em 2007, para R\$ 193,44 em 2010. Verifica-se ainda em todos os grandes setores de atividade econômica, que o salário médio nominal dos empregados admitidos na cidade de Sertãozinho situou-se acima daqueles registrados em Franca, sobressaindo às maiores diferenças nas atividades de construção civil, agropecuária e na indústria.

Tabela 7 – Franca e Sertãozinho, salário médio nominal dos empregados admitidos (em R\$) – 2007 e 2010

Setores da Atividade Econômica	Salário Médio Nominal – Empregados Admitidos (R\$)			
	FRANCA		SERTÃOZINHO	
	2007	2010*	2007	2010*
Indústria	650,33	785,39	820,93	975,30
Construção Civil	662,19	866,97	997,50	1.149,35
Comércio	605,38	820,34	789,19	957,55
Serviços	650,64	827,04	768,83	981,93
Agropecuário	351,49	508,19	538,63	763,47
Total	628,66	791,46	799,97	984,90

Fonte: CAGED/MTE

* até o mês de Setembro de 2010

Comparando o salário médio nominal dos trabalhadores admitidos com o salário dos trabalhadores desligados, constata-se que a

diferença entre ambos nos dois municípios descreve um movimento bem discrepante.

Tabela 8 – Franca e Sertãozinho, diferença absoluta do salário médio nominal entre trabalhadores admitidos e desligados (em R\$) – 2007 a 2010

Ano	Diferença Absoluta do Salário Médio Nominal Total Entre Trabalhadores Admitidos e Desligados**	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2007	-45,02	+3,18
2008	-34,22	-50,03
2009	-23,83	-149,87
2010*	-23,13	-132,07

Fonte: CAGED/MTE

* até o mês de Setembro de 2010.

** os valores referem-se às diferenças apuradas em relação ao total da movimentação de trabalhadores (admitidos e desligados), ou seja, à média de todas as atividades econômicas.

Na cidade de Franca, observou-se um movimento de contínua redução da diferença de salário entre os trabalhadores admitidos e desligados, muito embora, enquanto no setor de comércio a

diferença tenha diminuído (em Reais) de -76,07 em 2007 para +6,29 em 2010, na agropecuária ocorreu o inverso, visto que aumentou de -26,38 para -80,05 respectivamente. Já em Sertãozinho,

registrou-se o oposto, pois, com uma diferença positiva de R\$ 3,18 em 2007, contabilizou-se um resultado negativo de R\$ 132,07 em 2010, sobressaindo as maiores diferenças de salário entre os trabalhadores admitidos e desligados a indústria que passou de positivos R\$ 9,31 em 2007 para negativos R\$ 259,73 em 2010, enquanto na

atividade agropecuária, de R\$ 26,49 negativos, atingiu R\$ 73,10 positivos respectivamente.

Mesmo diante destas alterações verifica-se apreciável diferença salarial entre os dois municípios, especialmente no ramo da atividade industrial.

Tabela 9 – Franca e Sertãozinho, salário médio nominal dos vínculos formais ativos em 31/12 em setores de atividades econômicas (R\$) – 2006 a 2009

Setores da Atividade Econômica	Salário Médio Nominal dos Vínculos Ativos em 31/12 (R\$)							
	2006		2007		2008		2009	
	Fran.	Sert.	Fran.	Sert.	Fran.	Sert.	Fran.	Sert.
Indústria	757,81	1.570,24	798,39	1.702,99	867,55	1.913,40	918,19	1.966,92
Comércio	755,48	888,94	833,50	1.000,97	906,94	1.118,67	972,40	1.181,48
Serviços	1.178,86	1.119,86	1.217,16	1.166,89	1.292,77	1.310,77	1.318,94	1.454,75
Total	871,16	1.315,43	923,22	1.420,54	998,77	1.593,03	1.067,90	1.640,64

Fonte: RAIS/MTE

De 2006 a 2009, o salário médio nominal do total de vínculo ativos formais da cidade de Sertãozinho, em média, manteve-se em torno de 54,49% acima do registrado na cidade de Franca, embora nos setores de comércio e de serviço as diferenças salariais não sejam tão pronunciadas – apesar de no comércio a diferença ter aumentado de R\$ 133,46 em 2006 para R\$ 209,08. em 2009. Porém, em relação à indústria, em percentual o salário médio nominal em Sertãozinho, que era 107,20% maior que o de Franca em 2006, aumentou 114,22% em 2009.

Independentemente da determinação dos salários pelo viés político, devido à capacidade de organização sindical dos trabalhadores e do seu respectivo poder de barganha, convém assinalar que, em certa medida, o diferencial de salários seja decorrente do método de trabalho e da divisão salarial de trabalho.

O que diferencia as épocas econômicas uma das outras não é o que se faz, mas como se faz, com que instrumentos o trabalho se faz (...). Pode – se distinguir na produção da sociedade dois tipos fundamentais de divisão de trabalho: a divisão do trabalho social e a divisão técnica do

trabalho. A divisão do trabalho social é a divisão da produção social em diferentes ramos, esferas ou setores de produção, (...). A divisão técnica do trabalho é a divisão do trabalho que se opera no interior de um processo de produção (...). (FIORAVANTE, 1978. p. 38 – 40).

Ademais, em ambos os municípios, observou-se que a estrutura industrial é bem diferenciada (divisão social do trabalho), cuja intrínseca complexidade resulta da adoção de métodos de trabalho (como se faz) compatível com ocupações (divisão técnica do trabalho) que variam entre maior e menor sofisticação tecnológica, como maior e menor qualificação dos empregados.

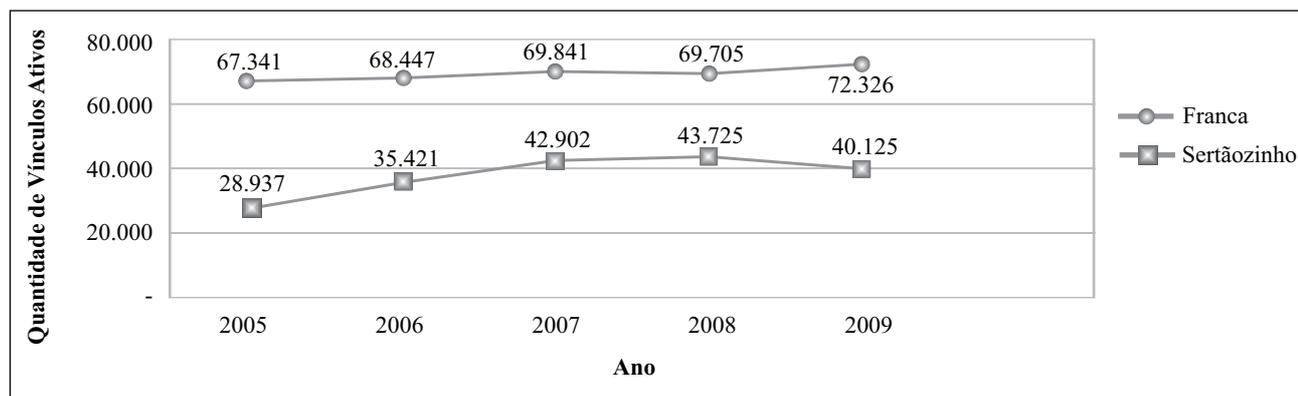
Sem o devido aprofundamento, contatou-se, de acordo com os dados RAIS/2009 referentes ao estoque de vínculos ativos formais (31/12) na indústria de transformação segundo o grau de instrução, que:

- a) em Franca, 54,63% dos vínculos ativos possuíam Ensino Médio (completo e incompleto) e, na Educação Superior, incluindo mestrado e doutorado, encontravam-se apenas 5,26 %; e

b) em Sertãozinho, no Ensino Médio, o percentual somava 39,44 %, enquanto na faixa relativa ao Ensino Superior encontrava-se praticamente o dobro do estoque vínculos ativos, ou seja, 9,62%.

Finalmente, de acordo com os dados do RAIS/TEM, foram analisadas a evolução de estoque de vínculos formais ativos e a massa salarial nominal entre os anos de 2005 e 2009.

Gráfico 2 – Franca e Sertãozinho, postos formais de trabalho/estoque de vínculos ativos 31/12 – 2005 a 2009

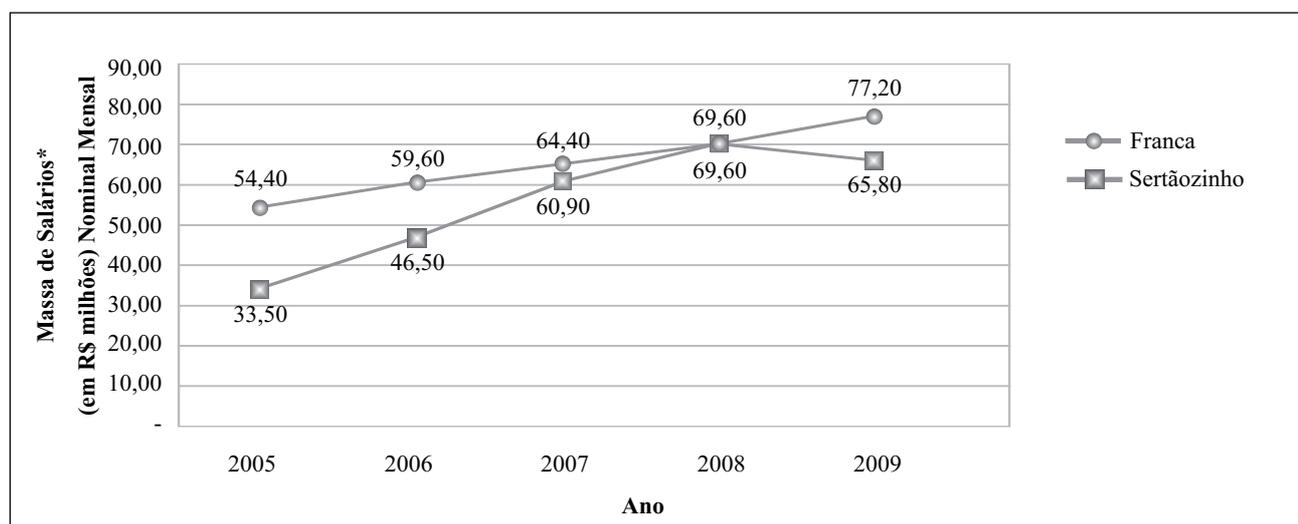


Fonte: RAIS/MTE

Se observarmos apenas o ano de 2009 em relação ao de 2008, a priori a crise global parece ter provocado efeito mais significativo em Sertãozinho que em Franca, pois, no primeiro

município, registrou-se em 2009 queda de 8,23% do estoque total de postos de trabalho, comparativamente ao anterior, enquanto no segundo houve e aumento de 3,76%.

Gráfico 3 – Franca e Sertãozinho, evolução da massa de salários nominal (em R\$) – 2005 a 2009



Fonte: RAIS/MTE

* Massa de salários – refere-se à soma dos rendimentos (em R\$) do estoque total de postos de trabalho (vínculos ativos).

Todavia, ao compararmos o estoque total de postos formais de trabalho em 2009 com o ano de 2005, constata-se que o município de Franca

deteve um aumento de 7,40%, enquanto o município de Sertãozinho contabilizou expansão da ordem de 41,78%.

Analisando o período 2009/2008, a massa de salários nominais cresceu 10,92% em Franca e recuou -5,46% em Sertãozinho; entretanto, em 2009, comparativamente ao ano de 2005, a expansão da massa de salário foi de 41,91% e 96,42% respectivamente.

4 CONCLUSÃO

Tanto em Franca como em Sertãozinho, foi possível verificar que, ao longo dos seus respectivos processos de formação histórica, ocorreram importantes modificações na estrutura de suas respectivas economias. De um passado tipicamente agrícola, os dois municípios tornaram-se, em decorrência de suas intrínsecas vocações e vantagens locais, economias especializadas em diferentes gêneros de atividade industrial.

Da década de 1990 em diante, principalmente a fase mais aguda de estabilização da economia e de abertura comercial mais intensa, acentuado processo de reestruturação produtiva promoveu, no caso de Franca, a liquidação de empresas tradicionais e de grande porte, e a reorganização da sua principal indústria manufatureira em torno de praticamente empresas de micro e pequeno porte. Assim, a sua indústria passou progressivamente a contribuir com menor participação na composição do produto interno do município, conquanto em sentido inverso, os setores de comércio e serviços aumentaram sobremaneira sua parcela de contribuição, razão pela qual a economia de Franca passou de industrial para a categoria de multissetorial. Entretanto, sua estrutura industrial conformou nítida e protusa especialização/concentração num segmento de baixa tecnologia.

Diferentemente de Franca, a estrutura industrial de Sertãozinho delineou uma conformação que lhe confere especialização e maior diversificação segundo a intensidade tecnológica.

Em relação ao mercado de trabalho, especialmente ao seu desempenho, vale dizer

que este se condiciona ao ritmo de acumulação (investimentos produtivos) como também a própria dinâmica de demanda interna, isto é, de consumo das famílias/indivíduo e daquele outro componente advindo das exportações.

Ademais, foi possível, embora sem o devido aprofundamento, verificar de que maneira as economias dos municípios em questão foram contaminadas pela crise global, assim como no pós-crise foram impactadas pelo vigoroso crescimento da economia brasileira.

Em alguma medida o nível de endividamento das pessoas físicas, a oferta e o custo do crédito, a expansão de renda seguida de alterações na estrutura de consumo (elasticidade – renda da procura), entre outros motivos, contribuíram positivamente para deflagrar um movimento de aumento da produção, que, por conseguinte, refletiu diretamente na expansão do emprego nas duas localidades – muito embora sob diferentes gradientes de intensidade.

Por outro lado, foi possível comparar e compreender a influência exercida pela divisão social e técnica do trabalho sobre a remuneração dos trabalhadores empregados na indústria, visto que a baixa remuneração em Franca resulta do fato de que a principal indústria (fábrica de calçados) é intensiva de trabalho e de baixa tecnologia, conquanto em Sertãozinho a atividade industrial é mais intensiva de capital e de média baixa e média alta tecnologia.

REFERÊNCIAS

- AMITRANO, C. R. Crescimento sustentado e o sinal trocado da política econômica. CEBRAP/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. *Política Econômica em Foco*, n. 4 – maio/out. 2004.
- AZZONI, C. R. Setor terciário e concentração regional no Brasil. In: Economia e território. DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAER, W. *A industrialização e o desenvolvimento econômico brasileiro*. Trad. Paulo de Almeida Rodrigues. 7 ed. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

DILLARD, D. *A teoria econômica de John Maynard Keynes: teoria de uma economia monetária*. Trad. Albertino Pinheiro Júnior. 6ª ed. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1989.

DINIZ ALVES, J. E. *Análise de conjuntura: teoria e métodos*. 01/jul/2008, <http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/análiseconjuntura>. Acesso em 09/09/2011.

FEIJÓ, C. A.; CARVALHO, P. G. M. de. *A evolução da estrutura industrial*. São Paulo: IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, set/08.

FIORAVENTE, E. Modo de produção, formação social e processo de trabalho. In: FIORAVENTE, E. et al. *Conceito de modo de produção*. Tradução e coordenação de Philomena Gebran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOFFMANN, H. *Desemprego e subemprego no Brasil*. São Paulo: Ática, 1977.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPEADATA – Instituto de Pesquisas Econômicas a Aplicadas/ Banco de Dados Agregado.

KUZNETS, S. *Crescimento econômico moderno: ritmo, estrutura e difusão*. Os Economistas. Trad. Benedicto de Carvalho – São Paulo Abril Cultural, 1983.

MANKIW, N. G. *Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia*. Trad. Maria José Cyhlar Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MDIC – Ministério do Desenvolvimento da indústria e do Comércio Exterior.

MTE/Cagde – Ministério do Trabalho e do Emprego/Cadastro Geral de Empregos e

Desempregos.

MTE/RAIS – Ministério do Trabalho e do Emprego/Relatório Anual de Informações Sociais.

ROSSETTI, J. P. *Política e programação econômicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1977.

_____. *Política e programação econômicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

SAMUELSON, P. A.; NORDHAUS, W. D. *Economia*. Trad. Elsa Nobre Fontainha. 16. ed. Rio de Janeiro: Mc Graw-Hill, 1999.

SANDRONI, P. *Dicionário econômico do século XXI*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Dados Estatísticos.

SUZIGAN, W. *A indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial*. – Economia e Sociedade, Capina, SP: UNICAMP/IE, 1992.

NOTAS

¹ A população recenseada de Franca até aquele momento atingira 96,16% do total, enquanto Sertãozinho representara 99,17% do total dos domicílios pesquisados.

² Considerando que a pesquisa IBGE (Cadastro Central de Empresas) não informa o valor do faturamento das empresas, o tamanho destas foi definido segundo as faixas de pessoal ocupado.

³ Embora no acumulado entre 2006 a 2009 o valor dos investimentos anunciados em Franca tenham superado em 78,82% o valor total dos investimentos em Sertãozinho, desconsiderando os US\$ 147,03 milhões investidos pela SABESP (2007), o valor total em Franca teria sido de US\$ 32,62 milhões.